

## O ESPAÇO GEOGRÁFICO PARA O ADEPTO DO BATUQUE

## EL ESPACIO GEOGRÁFICO DEL SEGUIDOR DE BATUQUE

Recebido em: 10/11/2022

Aceito em: 18/01/2023

Bolívar Schlottfeldt Marini <sup>1</sup> 

Instituto Histórico e Geográfico de Alegrete

**Resumo:** O Batuque é uma religião afro-brasileira praticada no do Rio Grande do Sul. Esta religião se divide em grupos menores chamados de “nações”, referentes às tradições ancestrais que pertencem. O trabalho apresenta um caráter etnográfico, já que só foi possível mediante uma inserção na comunidade Oyó, uma das nações que compõe o culto. Assim se estabeleceu a forma como o adepto do Batuque Oyó lida com a paisagem geográfica à sua volta, além de explicar aspectos simbólicos que sustentam a religião.

**Palavras-chave:** Espaço Geográfico; Religião; Batuque; Rio Grande do Sul.

**Resumen:** Batuque es una religión afrobrasileña practicada en Rio Grande do Sul. Esta religión se divide en grupos más pequeños llamados “naciones”, en referencia a las tradiciones ancestrales a las que pertenecen. El trabajo tiene un carácter etnográfico, pues solo fue posible a través de la inserción en la comunidad Oyó, una de las naciones que integran el culto. Esto estableció la forma en que el abanico Batuque Oyó se relaciona con el paisaje geográfico que lo rodea, además de explicar aspectos simbólicos que sustentan la religión.

**Palabras-chaves:** Espacio geográfico; Religión; Batuque; Rio Grande do Sul.

## INTRODUÇÃO

Batuque <sup>2</sup> é o termo que se usa para referir-se à religião afro-brasileira típica do Rio Grande do Sul que presta culto aos Orixás, tratam-se das tradições religiosas de indivíduos trazidos da África ao Brasil e que foram adaptadas ao contexto em que foram inseridos. Conforme Corrêa (1992, p. 50), são cinco as nações que compõem o mosaico religioso do Batuque rio-grandense, são elas: Oyó, Ijexá, Jeje, Nagô, Cabinda e Oiá/Moçambique. Estes nomes advêm das denominações que os escravos recebiam nas

<sup>1</sup> Graduado em História, Especialista em História e Geografia Regional. Membro do IHGA.

<sup>1</sup> A palavra Batuque pode vir a parecer, inicialmente, um termo pejorativo. Chamar seus adeptos de batuqueiros também pode soar como desprestígio, porém estes termos são comumente empregados para se referir a esta religião Afro-brasileira inclusive pelos seus próprios adeptos, não havendo problemas com o uso desta nomenclatura. Porém há os que preferam se referir a estas crenças pelo nome de Nação, já que estas tradições advêm de grupos de escravos pertencentes a distintas nações africanas, como será detalhado na sequência.

<sup>2</sup> A palavra Batuque pode vir a parecer, inicialmente, um termo pejorativo. Chamar seus adeptos de batuqueiros também pode soar como desprestígio, porém estes termos são comumente empregados para se referir a esta religião Afro-brasileira inclusive pelos seus próprios adeptos, não havendo problemas com o uso desta nomenclatura. Porém há os que preferam se referir a estas crenças pelo nome de Nação, já que estas tradições advêm de grupos de escravos pertencentes a distintas nações africanas, como será detalhado na sequência.

feitorias. Visto que os escravos eram reunidos de várias localidades do interior do continente nos portos das feitorias africanas, para depois serem divididos por suas aptidões, supõe-se que algumas denominações de escravos africanos não condigam com o seu real local de origem, mas remetam a um gentílico genérico recebido nas cidades portuárias das quais eles eram enviados.

Percebe-se uma carência de publicações no campo da Geografia Religiosa, esse preterimento é explicado por Rosendahl como sendo um preconceito da escola positivista "o Positivismo caracteriza-se por um agnosticismo no qual nega à razão e à fé o poder de provar a existência de Deus [...] A existência de Deus constitui-se em uma questão metafísica, fora do âmbito da ciência positiva" (ROSENDAHL, 1996. Apud, JAQUES, 2005). Não há pretensão neste trabalho em provar a veracidade do que se pratica no Batuque, mas tratar do ethos da comunidade religiosa batuqueira, usando teorias que abranjam as várias facetas da religião.

Para estender este trabalho à proposta nominal deste curso de pós-graduação, é interessante coletar, analisar e detalhar noções geográficas pertinentes aos terreiros e aos adeptos do Batuque da nação Oyó. Partindo da ideia de que este grupo religioso precisa de um espaço físico para estabelecer suas casas de culto e para desenvolver seus rituais, levanta-se o conceito de território religioso definido por Rosendahl (1996):

Os espaços apropriados efetiva ou efetivamente são denominados territórios. Territorialidade, por sua vez, significa o conjunto de práticas desenvolvido por instituições ou grupos, no sentido de controlar um dado território. É nesta poderosa estratégia geográfica de controle de pessoas e coisas, ampliando muitas vezes o controle sobre espaços, que a religião se estrutura enquanto instituição, criando territórios seus.

No tocante a territorialidade dos batuqueiros, o elemento de maior relevância é o templo religioso, chamado comumente de terreiro ou Ilê. É um espaço significativo, pois norteia as ações dos adeptos da casa de culto e gera um sentimento de pertencimento ao grupo, sendo assim um elemento formulador da identidade religiosa, já que "o homem deseja situar-se num 'centro', lá onde existe a possibilidade de comunicação com deuses" (ELIADE, 2008, p.141 apud, JAQUES, 2005). Por isso, é relevante identificar as características espaciais do Ilê, da mesma forma que dos espaços

exteriores que foram apropriados pela comunidade religiosa, para que se possa entender o funcionamento dos rituais desenvolvidos pelos adeptos do Batuque.

## GEOGRAFIA DO BATUQUE

O Ilê é uma residência que costuma ser de propriedade do Pai ou Mãe de Santo que ali reside, este é um dos espaços ocupados pela comunidade religiosa e o centro do culto de uma determinada casa. A parte interna do Ilê se divide em três espaços principais, aonde se desenvolvem atividades específicas: O quarto de santo (*peji*), o salão de santo e a cozinha de santo. Seguem suas descrições mais pormenorizadas:

Quarto de santo: este espaço abriga dois elementos do ritual, o altar onde estão os assentamentos das entidades e o *roncó*, espaço onde os filhos da casa ficam “de chão”<sup>3</sup> quando dos *boris*, *ebós* de apronte<sup>4</sup> ou qualquer ritual que imponha essa exigência. Também é no quarto de santo que se guardam os objetos de maior valor ritualístico, como as espadas pertencentes aos Orixás Ogum e Oyá (entidades ligadas à guerra), a talha aonde é servida a bebida *atã*<sup>5</sup> na festa final de um apronte, as guias de santo (colares de contas coloridas que representam a proteção do Orixá ao seu portador) dos filhos da casa e os instrumentos musicais usados nas festas, que são o atabaque e os *agês*<sup>6</sup>. É neste local que os filhos de santo prestam homenagem aos seus orixás nos seus dias votivos. No quarto, só se pode entrar descalço e não se pode dar as costas para o altar ao sair.

Salão de santo: É o local onde acontecem as festas, onde os filhos de santo do terreiro, juntamente com os convidados, celebram a roda do *xirê*<sup>7</sup>, no qual dançam para os Orixás. Na ocasião das festas somente se pode entrar descalço no salão, exigência que não persiste nos dias em que não há festas.

Cozinha de santo: Neste local, preparam-se as comidas dos Orixás e os pratos que são servidos aos convidados nas cerimônias, também se preparam alguns elementos

<sup>3</sup> Referência ao fato de que nessas ocasiões os filhos de santo precisam dormir no ronco, em camas improvisadas rente ao chão.

<sup>4</sup> Boris são rituais de iniciação que marcam o início da vida religiosa do adepto, já os aprontes são rituais religiosos que consistem na sagração de um adepto ao posto máximo da religião, garantindo que no futuro ele possa se tornar um pai/mãe de santo. O nome “apronte” sugere que os rituais iniciáticos necessários para galgar tal posto estão todos prontos

<sup>5</sup> Salada de frutas servida no final de uma festa de Batuque, tradicionalmente guardada em uma talha de barro. É servido em copos, como uma bebida, e simboliza o Orixá Ogum.

<sup>6</sup> Instrumento musical que consiste de um porongo recoberto com uma teia de miçangas entrelaçadas e que emite um som similar ao chocalho. São usados como acompanhamento dos atabaques nas festas de Batuque. Em outros locais, se dá o nome de *afoxê*.

<sup>7</sup> Cf. LOPES, 2004, p. 689: [...] o conjunto ordenado de toques, cantigas, e danças com os quais os Orixás são invocados.

ritualísticos que são feitos de gêneros alimentícios. Mais espaçosa que uma cozinha residencial, ela necessita preparar uma grande quantidade de alimentos na ocasião de grandes festas. Se o Quarto de santo é o centro nervoso de todo terreiro, a cozinha é o coração, pois o trabalho desenvolvido nela possibilita a concretização das oferendas para os orixás, assim como boa parte dos elementos utilizados na liturgia diária. Os Pais de Santo costumam dizer que o aprendizado de um filho de santo iniciado começa na cozinha, pois é lá que se ensina como se fazem as oferendas que sustentam o culto dos Orixás.

Estes são os locais onde o ritual se desenvolve nas suas variadas etapas. Como observado nos terreiros<sup>8</sup>, era de costume haver uma divisão entre a casa onde reside o Pai de Santo e as dependências em que se praticam os rituais, em decorrência de adaptações ao estilo de vida contemporâneo, essas peças acabaram se fundindo, podendo a própria cozinha do Pai de Santo ser a cozinha de santo e o salão de santo ser improvisado em sua sala de estar, por exemplo.

O território de propriedade do terreiro ainda tem outras partes secundárias da sua configuração espacial, algumas destas podem ainda ajudar a identificar o Ilê, já que pela tradição estes templos não ornaram nas suas fachadas nenhuma sinalização de que ali funciona um terreiro. Isso se deve em parte à estigmatização que sofrem os adeptos do culto e também para pregar a simplicidade e a humildade. Estes espaços aos quais se faz referência são:

Casa de assentamento do Bará Lodê: facilmente reconhecível, são casas em miniatura localizadas na frente dos terreiros, lá é assentado um tipo de Bará chamado de Lodê, considerado o guardião do terreiro e, por esse motivo, é assentado fora e em frente ao Ilê. Os Barás, comumente, desempenham a função de servos dos Orixás, já o Lodê ainda agrega a função de protetor do ilê. Este Bará pode, por vezes, dividir a sua “casa” com mais um Orixá, o Ogum Avagã, que se assenta junto ao Lodê por ser considerado um Orixá pertencente à rua, portanto não pode ser assentado dentro de casa.

Assentamento da Yíá: é um assentamento externo para a Yíá, que representa algo como a fusão simbólica dos conceitos de todas as Orixás, relacionadas à água e à

---

<sup>8</sup> Nos Ilês dos Pais de Santo Carlos de Oxum e Airton de Yemanjá.

maternidade, a exemplo: Obá, Oxum, Ewá, Nanã e Yemanjá (*Yiá*, do iorubá, “mãe”). Caracteriza-se como uma fonte de água ornada com uma sereia, fazendo uma alusão à Yemanjá. *Yiá* não é uma entidade, mas a fusão das simbologias dessas Orixás e que recebe um vulto físico para se direcionar o culto.

Assentamento de Ossanha Tempo: este assentamento é um exemplo claro de sincretismo intrareligioso. Tem sua origem no culto do Orixá Iroko, da nação Ketu. Este Orixá é simbolizado pela gameleira branca, a primeira árvore a ser plantada no mundo nas lendas dos Orixás, ele também é o Orixá relacionado à passagem do tempo, às mudanças eminentes e às quatro estações do ano. Ele costuma ser chamado de “Tempo” devido a uma corruptela do nome de um Nkisi da nação Angola, chamado Kitembo, ou Kindembu. A palavra Kitembo tornou-se “Tempo”, devido uma associação do domínio simbólico deste Nkisi e a sonoridade de seu nome. A associação com Ossanha ocorre porque Iroko não é cultuado pela nação Oyó e ambos estes Orixás apresentam afinidades com as árvores e plantas. O Assentamento tem duas funções, uma prática e uma espiritual. A prática incide em coletar água da chuva para se encher as quartinhas, uma vez que esse assentamento é feito em uma grande talha de barro; já a espiritual está relacionada ao domínio simbólico de Iroko, o tempo, acredita-se que quem possuir este assentamento em seu Ilê terá longevidade, pois sentirá menos a passagem do tempo.

Espaço em que se cultivarem ervas e árvores usadas em rituais: as ervas têm um grande valor ritualístico para o Batuque, sendo usadas recorrentemente. Devido a isto, é mais em conta para os batuqueiros cultivarem as plantas de que necessitam (quando o espaço físico da casa as comporta). Um mamoeiro, uma mamoneira ou uma figueira são indispensáveis, já que as oferendas dos Orixás são servidas em vasilhas de barro (alguidares) cobertas com as folhas destas plantas. Uma muda de “quebra-tudo” também se faz necessária, já que os filhos de santo não podem entrar no quarto de santo caso tenham ingerido bebidas alcoólicas ou se praticaram relações sexuais no dia em questão, nestes casos os filhos devem tomar um banho de ervas feito com as folhas do “quebra-tudo” antes de entrar no *peji*. Outras plantas também podem vir a ser cultivadas, como as plantas usadas em banhos de ervas ou em outros rituais.

Galinheiros e currais: o Batuque faz uso de animais em imolações, por isso é necessário que se destine um local para a criação destes, ou mesmo para alojá-los temporariamente nas vésperas de um ritual. Mesmo que criem galinhas e outros animais

nos terreiros, a nação Oyó utiliza um grande número de animais nas feitura, o que faz necessária a compra de parte destes em criadouros próximos.

Afora estes, existem ainda os espaços externos, públicos ou particulares, que são apropriados pelos batuqueiros em determinados momentos. Antes, deve-se conceituar espaço, que para Kant, não possui existência real: “é considerado como a condição de ocorrência de fenômenos, não como uma determinação dependente deles, e constitui uma representação a priori que serve de fundamento, de uma maneira necessária, aos fenômenos exteriores” (KANT, 1972, p.66, apud JAQUES, 2005). Considerando estes fenômenos religiosos, os locais externos de uso ritualístico se enquadram no conceito kantiano. Estes espaços dos quais se fala são as encruzilhadas das ruas, as praias, as matas (a natureza como um todo), os mercados, as igrejas e os cemitérios. Chowbart de Lauwe (1952, apud JAQUES, 2005, p. 26) divide o espaço social em objetivo e subjetivo, define-se espaço social subjetivo como o “espaço tal como o percebem os membros de grupos humanos particulares”. Portanto, um mesmo espaço que é utilizado pela população leiga com outras finalidades ganha uma roupagem religiosa para os batuqueiros, como no caso do Mercado Público de Porto Alegre, palco de muitos rituais para os adeptos do Batuque e da Umbanda, mas que para os outros transeuntes é apenas mais um local para fazer suas compras. Diferente do espaço próprio do Ilê, aonde os adeptos podem modificar o espaço físico à sua vontade, os espaços externos são públicos ou pertencentes a outros, portanto o culto tem que adaptar suas práticas ao espaço que se dispõe. Paralela à apropriação temporária do espaço objetivo, há uma ressignificação do espaço subjetivo, onde este espaço até então profano ou laico torna-se o local da realização de um ritual e, portanto, um espaço sacro. Para uma melhor compreensão do que foi teorizado, segue uma descrição dos espaços externos usados durante alguns dos rituais, a começar pelos urbanos:

Encruzilhadas: a encruzilhada é o cruzamento entre duas vias de tráfego e carrega um forte simbolismo. São recorrentes os despachos feitos em encruzilhadas, fato perceptível em qualquer cidade em que se desenvolvam cultos afro-brasileiros. Por ser a união de dois caminhos, esse espaço urbano se identifica com o Orixá Bará, responsável pelos caminhos e pelo fluxo de pessoas, funcionando como um recadeiro entre os demais Orixás e os humanos. Como foi, anteriormente, explicada, a utilidade do despacho é devolver ao habitat do Orixá o que lhe foi ofertado em frente ao *peji*,

dessa forma as oferendas, destinadas a Bará são despachadas em encruzilhadas, neste local também respondem Ogum Avagã e Obá, o primeiro por ser uma qualidade do Ogum com forte afinidade com o Bará, e a segunda por ter como símbolo a roda, respondendo neste mesmo local. Nem todas as oferendas encontradas nas encruzilhadas pertencem aos Orixás citados, já que este espaço é ocupado por outras vertentes religiosas, como a Umbanda. Entidades da Umbanda chamadas de Exus (que desempenham funções similares ao Bará do Batuque, embora sem ter real conexão) também tem a encruzilhada como território, onde recebem os itens ofertados pelos adeptos. Um fato a se mencionar, estes espaços são tabus para os filhos de Orixás velhos, ou de praia (Oxalá, Yemanjá e Oxum), pois se considera que são orixás tão puros, tão próximos da matriz criadora que o fato de desempenhar rituais nestes locais mais mundanos causaria algum dano à feitura dos filhos destes Orixás, em caso de necessidade o batuqueiro em questão deve recorrer a outra pessoa de sua família de santo para desempenhar tais rituais.

Mercados: anteriormente citados quando se fez menção ao passeio feito após uma obrigação. São espaços muitas vezes particulares, mas dos quais os adeptos se apropriam como uma parada do itinerário do passeio. No caso do Mercado público de Porto Alegre, o geógrafo André Porto Jaques cita em sua monografia (JAQUES, 2005, p. 30) as reações adversas dos transeuntes do mercado, já que mesmo este espaço já seja visto como distinto território dos batuqueiros, ele não os pertence em substância, portanto os batuqueiros estão expostos às manifestações dos que por ali passam ou trabalham. O autor citado é batuqueiro e pertence à nação Jeje-Ijexá, ele cita as oferendas feitas ao longo do trajeto no mercado, porém na nação Oyó a passagem pelo mercado é mais simples, consistindo na compra de alguns itens de interesse ritualístico por aqueles que estão fazendo uma iniciação, portanto não infere em uma ação muito invasiva. Já a tradição de Jaques exige que seja feita a deposição de grãos de milho e outros elementos durante o passeio no mercado. As reações variam da indiferença, ao agrado e ao repúdio, há quem interprete o milho depositado como sujeira, poluição ou desperdício, mas também existem os que pedem que um pouco do milho seja depositado em seus comércios, a fim de atrair bons axés. Como se vê, na medida em que os territórios de um grupo se mesclam com os dos demais, há a possibilidade de ocorrerem conflitos. Estes pontos de agravo são marcas expressivas de toda a trajetória

histórica do Batuque, quando as rotinas dos batuqueiros interferem no ambiente a sua volta.

Igrejas: são territórios religiosos pertencentes à outra religião, portanto há um forte elemento de conflito, por isso o ritual realizado em igrejas tende a ser discreto. As igrejas são visitadas durante o passeio, elemento simbólico presente na conclusão de um bori ou apronte. Estes rituais simbolizam novas etapas da vida dos adeptos, como se estes nascessem novamente, por isso eles são concluídos com um passeio por pontos simbólicos da cidade (Igreja, praia e mercado). Nesta ocasião, os membros da nação Oyó vão fazer reverência ao altar, como uma demonstração da existência e em sinal de respeito a um sincretismo entre o Catolicismo. Em caso de a Igreja, ao ser feita a visita, estiver fechada, a reverência pode ser feita nas escadarias da igreja.

Cemitérios: são espaços sagrados, mas também tabus para os Batuqueiros. São sagrados por serem os locais de sepultamento dos ancestrais e por trazerem uma relação simbólica com Xapanã (Orixá das doenças) e Oyá (Orixá vista como rainha dos espíritos dos mortos), mas é proibido transitar em frente aos cemitérios e funerárias quando se está indo fazer um despacho ou oferenda, quando do passeio da obrigação e em épocas de *ebós* ou quinzenas. Acredita-se que, nestes locais, habitam eguns, e que estes não trazem boas energias. A infração dessa exigência pode causar uma *quizila*<sup>9</sup> com os orixás que inviabilizaria o ritual. Este espaço também é vetado em rituais para os filhos de Orixás de praia, pelos mesmos motivos das encruzilhadas.

Além dos espaços urbanos, existem os espaços naturais que pertencem ao território do Batuque, estes espaços são de vital importância, pois como já foi dito, o culto dos Orixás nada mais é do que o culto à natureza, eles são manifestações da natureza em forma divina. Muitos são os locais de apropriação territorial, já que os despachos e oferendas devem ser feitos no habitat de cada Orixá. Na tradição Oyó, utilizam-se os seguintes espaços.

Matas e pedreiras: são dois locais para finalidades distintas, mas que envolvem as mesmas questões espaciais. Muitos Orixás têm a mata como seu habitat, como é o caso de Ogum, Ossanha, Odé e Otim. Suas oferendas e despachos devem ser

---

<sup>9</sup> Uma *quizila* ocorre quando alguma atitude de um adepto desagrada a um Orixá. O infrator está sujeito a punições aplicadas pelo Pai de Santo, que na maioria das vezes consistem em oferendas para apaziguar o Orixá.

depositadas no meio do mato, preferivelmente em locais mais ermos. Os batuqueiros costumam depositar oferendas nos mesmos locais de mata, o que estabelece uma noção de territorialidade no espaço freqüentado. Quanto às pedreiras, estas são pertencentes a Xangô, para elas valem os mesmos critérios das matas. Porém, a essência de uma oferenda ou despacho é depositar algo no meio natural, isso acarreta em uma questão de ética ambiental, já que estes podem vir a poluir a natureza. Há um comum consenso entre os batuqueiros e umbandistas nestes casos, que será mais bem detalhado no próximo capítulo deste trabalho.

Praias: as praias, sejam elas de rios ou de mares, tem um significado simbólico para o batuque, pois são estes os habitats dos Orixás ditos velhos (Oxum, Yemanjá e Oxalá). Na concepção afro-religiosa, estes orixás estão mais próximos das energias sublimes do *Orun* e a água é algo como um elo entre o mundo visível e o *Orun*. Quanto à delimitação territorial das praias para uso de umbandistas e batuqueiros, sabe-se que pelo art.98 do Código Civil, são “bens de uso comum do povo, tais como rios, mares, estradas, ruas e praças”, portanto as praias são bens públicos, mas elas podem carregar a identidade do público que as freqüenta. Em Alegrete, houve uma tentativa por parte de um grupo de religiosos, posteriormente ligados à AURAFÁ<sup>10</sup>, de batizar um trecho da praia do rio Ibirapuitã de “Praia de Iemanjá”, pretendida através da lei municipal 929/70 (conforme atesta a seguinte fotografia do acervo do Sr. Sylla Orguissa, presidente em exercício da AURAFÁ). Porém a Lei não foi aprovada, restando apenas a lembrança de uma tentativa de delimitação territorial.

**Imagem 1:** Foto da procissão pela “Praia de Iemanjá”



**FONTE:** Do autor.

<sup>10</sup> Associação de Umbanda e Religião Africana de Alegrete, criada para dar proporcionar um amparo legal aos templos de religiões afro-brasileiras.

## **OS CONFLITOS**

Recentes animosidades entre adeptos de religiões afro-brasileiras e membros de igrejas neopentecostais trazem à tona conflitos decorrentes do choque entre os espaços (sejam objetivos ou subjetivos) de duas concepções religiosas distintas. É de interesse da pesquisa que se faça uma análise racional deste movimento religioso, o Batuque, sem ter que desmerecer credo ou fé alguma, porém há situações que exigem um posicionamento claro, a fim de não permitir que maus julgamentos infamem os adeptos do Batuque. Menciona-se isso ao se tratar dos conflitos entre o Batuque e a sociedade, pois os dois subtítulos que seguem são a defesa dos adeptos do Batuque contra as críticas dirigidas por movimentos religiosos de outras ordens. Estas críticas foram citadas pelos Babalorixás entrevistados<sup>11</sup> e as alternativas por eles apresentadas estão descritas a seguir.

## **A QUESTÃO DO SACRIFÍCIO DE ANIMAIS**

O sacrifício animal existe nos rituais como uma troca simbólica entre os Orixás. Devido aos nossos padrões sociais, este tema gera reações adversas, uma vez que cada vez mais são elaboradas leis e medidas que protejam e garantam um tratamento digno às espécies animais que compartilham com o ser humano o espaço em que vivem. Como defender tais práticas, então? Primeiramente, devemos compreender a imolação animal no contexto em que ela está inserida na ritualística do Batuque, que ocorrem na ocasião de festas dedicadas aos Orixás. Nessas festas, os animais são imolados para que seu sangue alimente os Orixás e sua carne alimente os filhos de santo, como em um pacto simbólico entre o divino e o terreno. Não são infligidas em momento algum, torturas aos animais, já que estes devem estar relaxados até o momento de seu sacrifício, onde o Babalorixá corta-lhe a carótida com presteza e agilidade para abreviar a dor.

Este tipo de imolação se assemelha ao abate de animais para consumo que nossa sociedade pratica, tornando esta prática um pouco mais próxima da nossa realidade. Porém, em maio de 2003, foi criada a lei nº 11.915, instituindo o Código Estadual de Proteção aos Animais no Rio Grande do Sul. O que poderia representar uma grande

---

<sup>11</sup> Cf. Carlos de Oxum e Airton de Yemanjá em entrevistas cedidas em 05 de maio de 2012 e 26 de abril de 2012, respectivamente.

vitória aos movimentos que prezam pelos direitos dos animais, mas o que se viu foi uma deturpação do sentido da lei em si e do valor simbólico e cultural dos rituais de imolação, pois a lei foi utilizada para restringir e proibir sacrifícios animais em terreiros do Rio Grande do Sul. Estas medidas vêm violar a constituição de 1988, que diz: “É inviolável a liberdade de consciência e de crença, sendo assegurado o livre exercício dos cultos religiosos e garantida, na forma da lei, a proteção aos locais de culto e suas liturgias” (do Cap I, Art 5º, Inciso VI). Essas antigas rusgas se desenvolvem em um debate ainda sem resolução, onde setores diferentes da sociedade rio-grandense medem forças para fazer valer suas convicções.

### **A QUESTÃO AMBIENTAL**

Como foi dito, as oferendas e despachos devem ser postas no habitat de cada Orixá, o que faz necessária a deposição de materiais na natureza, fato que pode ocasionar poluição ambiental em dado local, caso este seja muito requisitado para este fim. São compreensíveis as reclamações das pessoas que vivem em locais próximos aos despachos, uma vez que a poluição pode causar problemas ambientais. O que não se avalia é que os batuqueiros não têm interesse de causar transtornos desta ordem, uma vez que cultuam uma religião que venera a natureza, mas as condições de vida de certas cidades não deixam muitas alternativas para as casas de religião. Parece não haver um interesse do estado em estabelecer um diálogo entre as lideranças religiosas para que se estabeleçam locais apropriados aos despachos, ou mesmo uma política ambiental por parte dos terreiros, para que estes se responsabilizem em manter o asseio dos espaços por eles utilizados.

Esta questão não pode ser tratada com a mesma falta de diálogo com que foi tratada a questão do sacrifício animal. É um anseio da comunidade religiosa que se possa dar continuidade às liturgias ancestrais sem ferir os padrões da sociedade atual, porém qualquer adaptação a ser estabelecida na forma de se cultuar as entidades deve ser feita com diálogo e respeito à cultura e à ancestralidade de um povo, uma vez que não se pode resolver um problema causando outro, ocasionando um desserviço à diversidade cultural existente.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Neste trabalho, foram observadas as maneiras como os adeptos do Oyó transformam o ambiente ao seu redor. Servindo-se da perspectiva geográfica, foram detalhados os espaços utilizados no terreiro como uma modificação do espaço geográfico para uma finalidade religiosa. Fato este que não ocorre apenas na esfera particular, mas também na pública, pois o batuqueiro cultua a natureza, necessitando de espaços públicos (ruas, matas, praias etc.) para realizar muitos dos rituais. A descrição dos rituais ajuda a entender como é a perspectiva de espaço do batuqueiro, o diferenciando do público leigo no Batuque.

Ainda se tratou dos conflitos existentes entre os adeptos do Batuque e a comunidade geral, uma vez que a justaposição de culturas diferentes pode agravar disparidades que acabam gerando conflitos. Analisou-se a questão do sacrifício animal e a questão ambiental, chegando à conclusão de que os conflitos não partem da comunidade batuqueira, uma vez que se encontram sempre abertos ao diálogo, mas sim de pessoas que, motivadas pelo preconceito, julgam os hábitos dos batuqueiros sem antes conhecer o contexto em que eles se encontram. Como perspectiva de melhora, conclui-se que o diálogo deve ser a solução dessas e de outras disparidades.

## **REFERÊNCIAS**

### **Entrevistas**

Carlos Inar Quadros Dorneles (Pai Carlos de Oxum): 05/05/2012.

José Airton Barraganas (Pai Airton de Yemanjá): 26/04/2012.

## **BIBLIOGRÁFICAS**

BARROS, José D'Assunção. **O Campo da História: Especialidades e abordagens**. 3 ed. Petrópolis, RJ: Editora vozes, 2005.

BENTO, Cláudio Moreira. **O negro e descendentes na sociedade do Rio Grande do Sul (1635-1975)**. Porto Alegre, RS: Grafosul, 1976.

BRAGA, Reginaldo Gil. **Batuque Jêje-Ijexá em Porto Alegre: A música no culto aos Orixás**. Porto Alegre, RS: Metrópole Indústria Gráfica Digital Ltda. 1998.

CORRÊA, Norton F. **O Batuque no Rio Grande do Sul**. Porto Alegre, RS: UFRGS, 1992.

Estatuto da União de Umbanda do Estado do Rio Grande Do Sul. Oficinas Gráficas da Imprensa Oficial. Porto Alegre, RS: 1963.

FERREIRA, Paulo Tadeu Barbosa. **Os Fundamentos Religiosos da Nação dos Orixás**. 3 ed. Porto Alegre, RS: Editora Toqui, 2007.

JAQUES, André Porto. **A Geografia do Batuque: Estudos Sobre a Territorialidade Desta Religião em Porto Alegre – RS**. Porto Alegre, RS: UFRGS, 2005.

LÉVI-STRAUSS. Claude. **Antropologia estrutural**. Rio de Janeiro, RS: Tempo Brasileiro, 1985.

LOPES, Nei. **Enciclopédia brasileira da diáspora africana**. São Paulo, SP: Selo Negro, 2004.

MALINOVSKI, Bronislaw. **Os Argonautas do Pacífico Ocidental**. 1922. Disponível em: <http://pt.scribd.com/doc/33086118/MALINOWSKI-Bronislaw-Os-Argonautas-do-Pacífico-Ocidental> Acesso em: 08 de mai. De 2011.

MATTOS, Regiane Augusto de. **História e cultura afro-brasileira**. São Paulo, SP: Editora Contexto, 2008.

PASSOS, José Vinicius Galhardo. **A Umbanda e o afro-brasileiro na visão de Vinicius de Oxalá**. Porto Alegre, RS: Gráfica Evangraf Ltda, 1999.

ROSENDAHL, Zeny. **Geografia e Religião: Uma proposta**. Rio de Janeiro, RJ: UERJ, 1995.

SANTOS, Milton. **A Metamorfose do Espaço Habitado: Fundamentos Teórico e Metodológico da Geografia**. São Paulo, SP: HUCITEC, 1988.

VECCHIA, Agostinho Mario Dalla. **Os filhos da escravidão: memórias dos descendentes de escravos da região meridional do Rio Grande do sul**. Pelotas, RS: Universitária/UFPEL, 1994.

VERARDI, Jorge. **Axés dos Orixás no Rio Grande do Sul**. Porto Alegre, RS: Jan Comércio e Representações ltda. 1990.